

A inovação antroponímica na Bahia dos séculos XIX, XX e XXI: uma interface entre Antroponomástica e Morfologia Histórica

Anthroponymic innovation in Bahia during nineteenth, twentieth and twenty-first century: an interface between Anthroponomastics and Historical Morphology

*Juliana SOLEDADE**

*Letícia Santos RODRIGUES***

*Natival Almeida SIMÕES NETO****

RESUMO: Este artigo tem como objetivo traçar um panorama histórico da inovação antroponímica no Brasil por meio da análise de dados de pesquisas que abordaram os usos de antropônimos no estado da Bahia, nos séculos XIX, XX e XXI. A comparação entre os dados de pesquisas, como as de Rodrigues (2016; 2019), Cunha e Souza (2017), Lopes e Soledade (2018), Simões Neto e Soledade (2018), Conceição (2018) e Soledade e Simões Neto (2020), permite entender a frequência de atuação do fenômeno inovador, observando se há incremento deste no decorrer dos anos. O trabalho também vislumbra uma caracterização morfológica dos prenomes encontrados, tendo como aporte teórico o modelo da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010;

ABSTRACT: This article aims to trace a historical panorama of anthroponomic innovation in Brazil through the analysis of research data that addresses the uses of anthroponyms in the State of Bahia, in the 19th, 20th, and 21st centuries. The comparison between data from other researches, such as that of Rodrigues (2016; 2019), Cunha and Souza (2017), Lopes and Soledade (2018), Simões Neto and Soledade (2018), Conceição (2018) and Soledade and Simões Neto (2020), allows the understanding of the innovative phenomenon's frequency of operation, observing if there is an increase in it over the years. The article also envisions a morphological characterization of the first names that were found, under the perspective of the

* Doutora em Letras e Linguística (UFBA). Professora Associada (UFBA/UnB). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3637-3453>. julisoledade@gmail.com

** Doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa (USP); bolsa FAPESP, processo nº 2019/20331-8. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3817-5378>. letisr@usp.br

*** Doutor em Língua e Cultura (UFBA). Professor substituto na UEFS. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7972-2396>. nativalneto@gmail.com

GONÇALVES, 2016). Os resultados apontam para um crescimento vertiginoso da inovação antroponímica, a partir da segunda metade do século XX, e para a fixação de um padrão biformativo que se revela recorrente desde os primeiros casos de nomes inovadores.

Construction Morphology framework (BOOIJ, 2010; GONÇALVES, 2016). The results point to a vertiginous growth of anthroponomic innovation, starting from the second half of the twentieth century, as well as to the setting of a biformative pattern that has been recurring since the first cases of innovative names.

PALAVRAS-CHAVE: Onomástica. Antroponomástica. Inovação antroponímica. Morfologia histórica.

KEYWORDS: Onomastics. Anthroponomastics. Anthroponymic innovation. Historical morphology.

1 Introdução

A Onomástica, enquanto ciência, se dedica ao estudo dos nomes próprios em suas diversas naturezas, a exemplo dos nomes de pessoas, lugares, plantas, santos, personagens literários, marcas comerciais etc. Dentre as subáreas mais reconhecidas estão a Toponomástica – que se volta para os nomes próprios de lugares, conhecidos como “topônimos” – e a Antroponomástica – estudo dos nomes próprios de pessoas, os “antropônimos”. Nesta pesquisa, voltamo-nos mais especificamente para a inovação antroponímica, ou seja, para o processo que envolve a criação de novos prenomes – a saber, o(s) elemento(s) que integram o registro civil do indivíduo e que precede(m) o(s) sobrenome(s) ou nome(s) de família.

São dois os principais objetivos deste trabalho. O primeiro é historicizar a inovação antroponímica brasileira, com base em dados de pesquisas que abordaram os usos de antropônimos no estado da Bahia, nos séculos XIX, XX e XXI, a partir de diferentes perspectivas. Destacam-se, entre esses empreendimentos anteriores, Rodrigues (2016; 2019), Cunha e Souza (2017), Lopes e Soledade (2018), Simões Neto e Soledade (2018; 2020) e Conceição (2018). A comparação entre os dados dessas pesquisas permite entender a frequência de atuação do fenômeno inovador, observando se há incremento deste no decorrer dos anos.

O segundo objetivo é caracterizar morfológicamente tais dados, explicitando os processos de formação de palavras envolvidos na criação desses nomes inovadores na antroponímia brasileira. Essa abordagem tem em vista o crescimento do número de estudos da Antroponomástica que enveredam pela abordagem morfológica dos nomes nos últimos tempos. Alguns desses estudos são: Monteiro (2002), Soledade (2012; 2018; 2019), Rodrigues (2016; 2019), Cunha e Souza (2017), Simões Neto e Rodrigues (2017), Simões Neto e Soledade (2018; 2020), Conceição (2018), Soledade, Lopes e Rodrigues (2019), Alves de Souza (2019) e Benfica da Silva (2019).

Cabe mencionar, sobre esses trabalhos, que Soledade (2012; 2018; 2019), Rodrigues (2016; 2019), Cunha e Souza (2017) e Soledade, Lopes e Rodrigues (2019) articulam aspectos morfológicos e históricos da inovação antroponímica brasileira e concordam na observação de que existe uma proximidade entre o modelo germânico de formação de antropônimos – a composição bitemática (PIEL, 1989[1960]) – e as tendências contemporâneas de formação de antropônimos no Brasil. É por esse motivo que, neste artigo, damos ênfase à matriz germânica de criação antroponímica. Segundo Soledade (2018), esse modelo, além de persistir na estruturação dos antropônimos brasileiros inovadores, serve de base para a organização de novos moldes morfológicos de criação lexical relacionados aos nomes de pessoas.

Feitas essas considerações iniciais, o presente trabalho se organiza da seguinte maneira: a seção 2 aborda o legado germânico para a antroponímia brasileira e sua relação com as construções bitemáticas dos antropônimos; a seção 3 explica as diferenças teórico-metodológicas entre criações bitemáticas e criações biformativas; a seção 4 apresenta os *corpora* de onde foram retirados os nomes a serem analisados neste trabalho e seus critérios de análise; a seção 5 traz as análises dos dados; a seção 6 faz as considerações finais, seguida das referências.

2 O legado germânico: o modelo bitemático

O motivo para a consideração específica do onomástico germânico envolve aspectos históricos e se dá, nesta pesquisa, em consonância com os motivos apontados por Rodrigues (2019, p. 9), “[...] uma vez que parte do arcabouço lexical onomástico personativo português está relacionada à influência germânica, fruto do contato com o latim (e, posteriormente, com o português em formação) na Península Ibérica”. Nesse sentido, a autora considera que essa influência não se dá de uma perspectiva sincrônica, mas sim a partir do contato linguístico ocorrido na Península durante o período das invasões germânicas (século V d.C.) e que teria se afirmado após o domínio dos povos árabes, provenientes do norte da África (século VIII d.C. ao XV d.C.). Essa afirmação se daria, então, por motivos ideológicos e religiosos, como explicaremos a seguir.

É difícil determinar exatamente quando começa o contato entre os povos germânicos e os romanos na Península Ibérica. Alguns pesquisadores, como Molinari (2009), apontam para o final do século II e meados do século III, quando guerreiros germânicos começaram a integrar o exército romano a fim de fortalecê-lo (os *foederati*, ou “federados”, “aliados”). Quanto à ideia de “povos germânicos”, nos valem dessa concepção generalizante para fins didáticos, uma vez que não seria possível tratar de certas particularidades referentes ao assunto neste artigo. Reiteramos, contudo, que essa definição não abarca a profunda heterogeneidade que há na questão, pois os agrupam sob uma falsa ideia de identidade em comum. Segundo Piel (1933, p. 105), esses povos germânicos eram “[...] uma mistura heterogênea de povos de diferente origem: Suevos, Vândalos (Silingos e Asdingos), Alanos, Godos, etc., hoje amigos, amanhã inimigos e que pouco mais têm de comum do que a designação extremamente vaga de ‘germanos’”.

É no século V, contudo, que localizaremos alguns fatos determinantes que envolvem essa relação. Após o enfraquecimento do Império Romano, os povos ditos

germânicos (particularmente os suevos e os visigodos), espalhados por toda a Península, passam a regê-la numa organização política monárquica. Lá, se integram aos antigos habitantes da região, engendrando a população hispano-goda, de religião cristã. Porém, devido a crises políticas e problemas de diversas ordens, perdem o controle administrativo em 711, com a chegada dos árabes, que passa a comandar o território.

Após essa conquista, que interrompe o reino cristão devido à adoção do islamismo, parte dos hispano-godos que não se integraram à nova gestão se refugia no Norte da Península, onde se organizam por mais de 700 anos para a retomada do território, período conhecido na história como “Reconquista”. No âmbito dessa disputa travada entre árabes e hispano-godos, os hispano-godos relegados, majoritariamente ao Norte da Península, se utilizaram com mais frequência, durante muitos séculos, de antropônimos vinculados à origem germânica como forma de prestígio, opondo-se à adoção de antropônimos árabes. Isso reflete no fato de que a maior influência do léxico árabe se verifica no âmbito do léxico comum, enquanto no léxico dos nomes próprios consolidou-se a influência germânica, como confirma Teyssier (1998, p. 17): “[...] grande número de nomes de pessoas (Fernando, Rodrigo, Álvaro, Gonçalo, Afonso, etc.), assim como de topônimos (Guitiriz, Gomesende, Gondomar, Sendim, Guimarães, etc.) remontam aos Suevos e aos Visigodos”.


Esse breve parêntese histórico explica o porquê de, até hoje, prenomes como “Francisco”¹, “Fernando” “Eduardo”, “Adelia”, “Adalgisa” e muitos outros ainda serem frequentemente observados no quadro onomástico brasileiro, elementos que passaram a integrar nossa antroponímia através do fluxo linguístico colonizador-colonizado. Tendo tais considerações bem definidas, passaremos a discutir por que

¹ Sendo o prenome “Francisco” o sexto mais utilizado no país, de acordo com a página Nomes no Brasil, referente ao Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponível no [site https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search](https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search)

compreendemos que o modelo antroponímico usado para formar nomes germânicos encontra, ainda hoje, reverberação no sistema onomástico pessoal brasileiro.

3 Do modelo bitemático ao modelo biformativo

Soledade (2018) abordará mais detidamente o que identifica como “hipótese biformativa”. A autora defende que as construções biformativas, dentre as quais também se podem incluir as construções com formativos que ocupam a margem direita, são as peças-chave para compreendermos a revolução antroponímica do século XX. São processos de natureza diversa, que se organizam em torno de um comportamento prototípico que consiste em considerar a junção de dois componentes mórficos antroponímicos como processo básico da formação de prenomes brasileiros.

Por sua vez, as construções biformativas parecem ter estreita relação com o modelo bitemático dos nomes de origem germânica. Isso porque, de um lado, esses nomes de origem germânica, que nos foram legados pelo processo de colonização ou incorporados posteriormente por influências de línguas estrangeiras, como o francês ou o inglês, apresentam um amplo conjunto de exemplos capazes de fornecer bases para generalizações esquemáticas, oferecendo, inclusive, formativos recorrentes para a construção de antropônimos, por exemplo: *Ed-*, *Ad-*, *Adal-*, *-aldo*, *-berto*, *-mir*, entre tantos outros. De outro lado, o modelo bitemático/biformativo de nomes de origem germânica encontra no português uma frequência bastante significativa para que os consideremos amplamente entranhados ao sistema antroponímico brasileiro, sendo cada vez mais reforçado pelas construções inovadoras. Assim, por exemplo, a frequência de nomes como *Adalberto* (47.995 m.), *Alberto* (108.018 m.) e *Roberto* (435.832 m.) permitiu a generalização que unifica o formativo ao esquema $[[X]_{F1} [-berto]_{F2}]_{NP}$ 

[nome de pessoa masculino]_{NP}, a partir do qual foram criados nomes como: *Ariberto* (618 m.), *Felisberto* (3.680 m.), *Joberto* (385 m.), *Joseberto* (156) e *Vanberto* (555 m.)².

Segundo Piel (1989 [1960]), o sistema de nomeação germânico, assim como o grego e o indo-europeu, utilizava com frequência a formação bitemática, em que se tomava dois elementos do léxico comum para formar um composto personativo, como no caso de *Teodorico* (*Teodo* “povo” + *rikus* “rico, poderoso”), podendo o segundo componente ser amputado (*Teoda*) ou substituído por outro formativo (*Teod-* + *-ila*).

O levantamento que fizemos no Tomo II referente aos nomes próprios do *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Nascentes (1952), corrobora a informação de Piel (1989 [1960]), pois atesta que a grande maioria dos nomes ali arrolados como de origem germânica ou gótica apresenta uma estrutura bitemática. Dos 450 nomes cujo étimo é registrado como de origem germânica (apontados em sua entrada como “Do germânico” ou “Do gótico”), 86% apresentam formação com a junção de dois temas do léxico comum ou próprio, como podemos verificar nos exemplos de verbetes retirados de Nascentes (1952):

- ANSELMO- s.m. Nome de homem. Do germânico *Anse*, nome de deuses da mitologia germânica, e *helm*, elmo, aquele a quem os Anses servem, de *elmb*, protegido pelos Anses (LV, Op., III, 82, Antr., 69, Nunes, RL, XXXI, 55 Weekley, Surnames).
- BERNARDO- s.m. Nome de homem. Do germânico: *bern*, variante de *ber*, urso, e *ardo*, de *hart*, forte, urso forte ou forte como um urso (LV, Lições, 220, Antr., 55, 449, Nunes, RL, XXXII, 64. Drummond, Cortesão, Subsídios, Diez, Gram., I, 289, Dauzat, NP, 30).

² Nesse parágrafo, as indicações feitas entre parênteses a partir de números seguidos da expressão “m.” se referem à quantidade de indivíduos brasileiros do gênero masculino registrados com esse prenome, de acordo com a página Nomes no Brasil, do Censo 2010 do IBGE. No decorrer do artigo, voltaremos a apresentar números indicados entre parênteses com a mesma função, contudo, quando não apresentarem a expressão “m.” é porque se referem a prenomes em ambos os gêneros.

- EDUARDO- s.m. Nome de homem. Do germânico: anglo-saxônio *ead*, riqueza, bens e *ward*, guarda, guarda da riqueza (Nunes, RL, XXXII, 104, Century. Leite de Vasconcelos, Op., III, 96, Antrp., 59. Segundo Leite de Vasconcelos o nome veio através do espanhol.
- FERDINANDO- s.m. Nome de homem. Do germânico: ant. alto al. *fridu*, al. mod. *Friede*, paz, e gót. *Nanthjan*, ousar, ousado na ou pela paz (Förstemann, Altdeutsches Namenbuch, Meyer-Lubke, Die alportugiesiche Personennamen, I, 28, 72, apud Leite de Vasconcelos, Antr., 39).

É, pois, a adaptação desse modelo bitemático para o modelo biformativo que identificamos nos prenomes de caráter inovador vernacular. É importante, contudo, dizer que as construções biformativas no Brasil encontram reforço em nomes que seguem padrões de construção com formativos da margem direita, muitos deles de origem latina/românica, como *-ano*, *-ane*, *-ana*, *-ele*, *-ino*, *-ito*, entre outros.

No sistema antroponímico brasileiro, a biformatividade decorre tanto do emprego de temas do léxico comum, a exemplo de *Brisamar* (60), *Luzimar* (12.272), *Mariluz* (827), *Rosaflor* (2), *Rosaluz* (2), quanto com o emprego de formativos próprios do sistema onomástico pessoal, como *Cristinaldo* (147), *Carlealdo* (2), *Francleide* (122), *Julisson* (67), *Micaele* (17.571), *Narajulia* (2), *Analice* (16.400), ou ainda, a partir de combinações de temas comuns com formativos antroponímicos, como em *Analuz* (110), *Flormaria* (6), *Luzana* (270) e *Luzemilia* (1)³.

A hipótese da prevalência de estruturas biformativas tem encontrado respaldo no conjunto de dados levantados pelo *Novo Dicionário de Nomes em Uso no Brasil*⁴. Os nomes inovadores até agora encontrados, em mais de 90% dos casos, instanciam uma construção biformativa. Como exemplo, foram encontradas 83 instanciações com o

³ Os exemplos com número de ocorrência acima de 10 foram coletados na plataforma Nomes no Brasil (IBGE), enquanto os exemplos com frequência abaixo de 10 foram coletados no Facebook.

⁴ O *Projeto Novo Dicionário de Nomes em Uso no Brasil* integra atualmente um conjunto de 10 professores pesquisadores e 12 alunos pesquisadores, sob a coordenação da professora doutora Juliana Soledade, na Universidade de Brasília.

formativo *Ade-* na margem esquerda que se soma a um formativo ou prenome que ocupa a margem direita, como é o caso de: *Adegildo, Adeilma, Adeilton, Adejanira, Adelaine, Adeliana, Adelina, Ademara, Ademiro, Adenice*, entre outros.

É preciso explicar que temos utilizado o termo “bifformativo” para substituir o termo “bitemático”, este empregado tradicionalmente para se referir aos antropônimos de origem germânica que utilizam, em sua grande maioria, dois temas do léxico comum. Essa postura parte da consideração de que não seria teoricamente adequado usar o termo “bitemático” para as construções inovadoras da antroponímia brasileira. Isso se deve a dois fatores principais: a) nas construções antroponímicas inovadoras do Brasil, nem sempre é possível encontrar um tema, isto é, uma forma livre na língua, pois muitas vezes o que se tem são formas presas, que apresentam grande recorrência no sistema de nomeação de indivíduos, em posições mais ou menos estáveis, tal qual um afixo (como *Ade-* na margem esquerda e *-ilma* na margem direita); b) a terminologia empregada pela morfologia lexical tradicional não parece se encaixar, de forma elegante e eficiente, aos pressupostos teóricos/descritivos da morfologia construcional, tomada, por nós, como base para o estudo das construções de antropônimos inovadores.

Desse modo, os esquemas construcionais bifformativos dos antropônimos inovadores no Brasil, segundo parâmetros da morfologia construcional de Booij (2010), podem ser descritos formalmente como: <[[X]_{F1} [Y]_{F2}]_{NP} \square [nome de pessoa]_{NP}>. Assim, temos, por exemplo: <[[Franci]_{F1} [ele]_{F2}]_{NP} \square [nome de pessoa feminino]_{NP}> e <[[Franci]_{F1} [valdo]_{F2}]_{NP} \square [nome de pessoa masculino]_{NP}>.

4 Metodologia e corpora

Neste artigo, avaliaremos a hipótese de Soledade (2018) de que a inovação antroponímica brasileira se orienta por um padrão produtivo de estruturação bifformativa, com base em usos antroponímicos na Bahia, do século XIX ao XXI. Para

alcançar esse objetivo, serão retomados dados de pesquisas anteriores que lançaram diferentes olhares para os nomes de pessoas. Os trabalhos cujos dados serão reanalisados são: Rodrigues (2016; 2019), Cunha e Souza (2017), Lopes e Soledade (2018), Simões Neto e Soledade (2018) e Conceição (2018).

Antes de procedermos à apresentação dessas pesquisas e à análise dos dados, salientamos os critérios utilizados para a classificação de um prenome como inovador. Usamos, neste artigo, os critérios propostos no âmbito do extinto projeto *Todos os Nomes*, concebido entre os anos de 2007 e 2009 na Universidade Federal da Bahia e coordenado pelas professoras doutoras Ariadne Almeida, Juliana Soledade e Tânia Lobo, integrantes do Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR).

No antigo projeto, atribuía-se o *status* inovador a um prenome quando ele não constava nos dicionários onomásticos etimológicos de Antenor Nascentes (1952), José Pedro Machado (2003) e na Bíblia (por esta conferir um caráter tradicional aos prenomes). Acrescentamos a esse rol de obras de referência o dicionário de Mansur Guérios (1981), por sua representatividade em termos de obras lexicográficas voltadas para a antroponímia de língua portuguesa.

O Quadro 1, a seguir, apresenta os trabalhos cujos dados serão retomados e reanalisados, as fontes (datadas e localizadas) e os fenômenos investigados no trabalho em questão.

Quadro 1 – Trabalhos sobre nomes de pessoas na Bahia nos séculos XIX, XX e XXI.

Autores	Fontes	Fenômenos estudados
Rodrigues (2016)	Lista de aprovados no vestibular da UFBA ⁵ em 2005 (século XXI)	Inovação antroponímica com formativos de origem germânica
Cunha e Souza (2017)	Requerimentos de entrada de novos sócios da Sociedade Protetora dos Desvalidos (Salvador/BA), de meados do	Estudo etimológico, sócio-histórico e morfológico de usos antroponímicos

⁵ Universidade Federal da Bahia.

	século XIX até as primeiras décadas do século XX	
Lopes e Soledade (2018)	Livro de Casamentos da Freguesia de São Braz de Taperoá/BA, nos anos de 1856 e 1857 (século XIX)	Estudo etimológico, sócio-histórico e morfológico de usos antroponímicos
Simões Neto e Soledade (2018)	Lista de aprovados no vestibular da UNEB ⁶ , nos anos de 2016 e 2017 (século XXI)	Nomes masculinos tradicionais e inovadores com o formativo <i>-son</i>
Conceição (2018)	Lista de aprovados no vestibular da UEFS ⁷ , nos anos de 2017 e 2018 (século XXI)	Galicismos antroponímicos e neologismos com formativos de origem francesa
Rodrigues (2019)	Nomes presentes em quatro tomos do <i>Livro dos Termos dos Irmãos</i> , que cobrem um período que vai de 1893 até 2014 (século XIX-XXI)	Inovação antroponímica com formativos de origem germânica

Fonte: elaborado pelos autores.

Na tentativa de traçarmos uma linha histórica do fenômeno, apresentaremos os trabalhos a serem retomados, conforme a ordem cronológica das fontes. Assim, o primeiro trabalho é o de Lopes e Soledade (2018), que estudaram os usos antroponímicos na cidade de Taperoá/BA, nos anos de 1856 e 1857, o que nos ajuda na reflexão acerca da difusão dos antropônimos no território baiano do século XIX. Os dados são os itens personativos presentes no Livro de Casamentos da Freguesia de São Braz de Taperoá, nos anos já mencionados. Com relação a esse *corpus*, comentam Lopes e Soledade (2018):

Do *corpus* de 556 nomes personativos completos (excluídas as repetições), 308 fazem referência à nomeação masculina, enquanto os 248 restantes ligam-se à identificação feminina. Deprendem-se 212 prenomes e 146 sobrenomes diferentes, excluídas as repetições e as

⁶ Universidade do Estado da Bahia.

⁷ Universidade Estadual de Feira de Santana.

variações ortográficas (LOPES; SOLEDADE, 2018, p. 150, grifo dos autores).

Não se veem, entre os 212 prenomes analisados por Lopes e Soledade (2018), registros de nomes que pudessem ser considerados inovadores. Os prenomes utilizados refletem a tradição lusitana-católica. Poderíamos nos perguntar o porquê de considerarmos essa base de dados, visto que não há registros de nomes inovadores. A resposta é simples: o não dado também é um dado. A ausência de antropônimos inovadores no quadro onomástico taperoense do século XIX nos permite visualizar que a inovação antroponímica, bastante acionada para diferenciar Brasil e Portugal (CASTRO, 2004; 2005), ainda não estava amplamente difundida no século XIX.

Essa observação é corroborada pelos achados de Cunha e Souza (2017), que trabalhou com antropônimos registrados nos requerimentos de entrada de novos sócios da Sociedade Protetora dos Desvalidos (SPD), uma irmandade de cor (Salvador/BA). Os dados analisados abrangem parte do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Ao todo, Cunha e Souza (2017) computou 649 prenomes. Seguindo também os critérios do projeto *Todos os Nomes*, o autor propôs que, desses 649 prenomes encontrados, 627 eram tradicionais, enquanto 22 foram considerados neológicos/inovadores. Esses 22 prenomes ditos inovadores, que não perfazem 4% do total, serão retomados neste artigo.

O *corpus* analisado por Rodrigues (2019) corresponde aos arquivos da Ordem Terceira do Carmo, localizada no Centro Histórico da cidade de Salvador/BA. Tais arquivos são compostos por 10 tomos do Livro dos Termos dos Irmãos, dentre os quais foram analisados os últimos quatro livros em razão do período histórico por eles compreendido. Assim, os Livros 7, 8, 9 e 10 cobrem o período de 1893 até 2014, portanto, fim do século XIX até o início do século XXI. Tais livros são compostos, respectivamente, por 796, 500, 500 e 164 fichas de registro relativas aos novos membros que desejaram se vincular à Ordem, totalizando 1960 prenomes para análise. Contudo, ao levar em conta apenas os prenomes baianos, das 1960 fichas à disposição, foram

considerados apenas 807. As fichas de registro, quando completas, contêm informações quanto à data do início do postulante, data da tomada de hábito, profissão, naturalidade, idade e estado civil. Em seu trabalho, Rodrigues (2019) aventou a hipótese de que haveria um incremento da inovação na antroponímica baiana após dois acontecimentos, ambos voltados para o ano de 1888: a) a instauração do Decreto nº 9.886, que dizia que todos os municípios brasileiros deveriam dispor de um escritório de registro, tirando essa função do poder da Igreja Católica; e b) a Abolição da Escravatura.

Assim, após a análise dos quatro livros, Rodrigues (2019) verificou que 46 prenomes atenderam aos critérios de inovação com a utilização de formativos que se vinculam parcial ou integralmente a uma origem germânica. A distribuição dessas ocorrências se deu com a presença de três prenomes no Livro 7, 10 prenomes no Livro 8, 20 prenomes no Livro 9 e 13 prenomes no Livro 10⁸, confirmando que o fator “tempo” foi importante para o incremento tímido, porém crescente, da tendência de usar prenomes inovadores para nomear os indivíduos. Ademais, Rodrigues (2019) considera que esses números poderiam ser ainda mais expressivos se não fosse a vasta presença de prenomes como *Maria, José, Ana, João, Antônio* e *Manoel*, o que teria influenciado o seu trabalho em termos quantitativos. Esses números também poderiam aumentar se não fossem descartados os prenomes inovadores que não apresentaram formativos vinculados parcial ou integralmente a uma origem germânica, além da consideração apenas das fichas referentes a indivíduos nascidos na Bahia.

Rodrigues (2016) trabalhou com um *corpus* formado por 3.986 prenomes, oriundos da lista de candidatos aprovados no vestibular da UFBA, no ano de 2005.

⁸ Rodrigues (2019) explica que o Livro 10, o mais recente da perspectiva temporal, continha apenas 164 fichas, representando $\frac{1}{3}$ ou $\frac{1}{4}$ dos outros livros. Assim, a autora acredita que a quantidade de ocorrências seria ainda maior caso o livro também o fosse.

Seguindo a metodologia do projeto *Todos os Nomes*, a autora se centrou nos prenomes considerados inovadores e que tivessem em sua estrutura morfológica formativos de origem germânica. Rodrigues (2016) trabalhou com todas as letras do alfabeto, com exceção da letra A, que já havia sido estudada por Priscila Possidônio no artigo “A criação de nomes próprios no português brasileiro: aspectos mórficos da neologia antroponímica” (2007, inédito), desenvolvido no âmbito do *Todos os Nomes*. Ao todo, dentre 897 prenomes considerados inovadores, 96 prenomes inovadores apresentaram formativos de origem germânica.

Simões Neto e Soledade (2018) também trabalharam com a lista de aprovados de uma universidade baiana, a UNEB. Os autores analisaram 96 nomes masculinos terminados em *-son* na lista de aprovados dos vestibulares de 2016 e 2017 da mencionada instituição. São exemplos: *Anderson, Jefferson, Emerson, Radson, Talison, Erickson* e *Esteferson*. Os nomes foram analisados do ponto de vista etimológico, com base em consultas nos dicionários onomásticos de língua portuguesa de Nascentes (1952) e de Machado (2003), além de dicionários de língua inglesa, como os de Arthur (1857) e Reaney e Willson (2006). Assim, 16 prenomes foram considerados tradicionais, enquanto 80 foram tratados como inovadores.

Nessa pesquisa, Simões Neto e Soledade (2018) utilizaram também a lista de nomes admitidos em Portugal, encontrada no *site* do Instituto dos Registos e do Notariado, de Portugal, e a plataforma Nomes no Brasil, disponível no *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Com todos esses aparatos, Simões Neto e Soledade (2018) puderam observar a trajetória do padrão antroponímico *X-son* na criação de prenomes inovadores no Brasil, desde a sua importação do inglês até a criação de *splinters*, como *X-erson (Kleverson)*, *X-irson (Wivirson)*, *X-elson (Edielson)* e *X-ilson (Natailson)*.

Por último, Conceição (2018) trabalhou com os prenomes tradicionais de origem francesa e os inovadores criados com formativos da língua francesa, como *-ane*, *-ele*, -

ene e *-ine*. Os dados foram obtidos em levantamento feito em uma lista de aprovados no vestibular da UEFS, nas edições de 2017.1 e 2018.1. Ao todo, a autora trabalhou com 90 prenomes diferentes, que foram consultados nos supracitados dicionários onomásticos do português. Assim, 32 foram considerados galicismos tradicionais, como *Aline*, *Ane*, *Carine*, *Catarine*, *Denisei*, *Danielle*, *Gabrielle*, *Francine*, *Juliete*, *Louise*, *Monique* e *Viviane*, enquanto 58 foram tratados como brasileirismos com formativos de origem francesa, como *Aldeane*, *Camiliane*, *Edianny*, *Indiane*, *Joceane*, *Joseane*, *Suleane*, *Tatiane*, *Tailane*, *Franciele*, *Janyelle*, *Jussielly*, *Mariele*, *Nathielle*, *Tatiele*, *Valnielli*, *Cheyenne*, *Ediene*, *Eliene*, *Francilene*, *Lucilene*, *Adrine*, *Djauline*, *Juline*, *Sabrine* e *Noeliny*.

5 Análise dos dados

No estudo de Cunha e Souza (2017) acerca de 649 prenomes dos requerimentos de entrada na SPD, os dados são analisados quantitativamente sem considerar as repetições e, no Quadro 2, em que o autor analisa os étimos mais recorrentes, podemos observar que a inovação na antroponímia baiana do século XIX fica restrita a um pequeno percentual, uma vez que 4% dos prenomes não tiveram seus étimos identificados.

Quadro 2 – Dados dos requerimentos da SPD.

OS ANTROPÔNIMOS E SEUS ÉTIMOS		
Étimos	Ocorrências	Porcentagem (%)
Antropônimos de étimo latino	242	37%
Antropônimos de étimo grego	156	24%
Antropônimos de étimo hebraico	91	14%
Antropônimos de étimo germânico	83	13%
Antropônimos de étimo gótico	13	2%
Antropônimos de étimo siro-hebraico	10	2%
Antropônimos de étimo italiano	9	1,38%
Antropônimos de étimo eslavo	8	1,23%
Antropônimos de étimo nórdico	7	1,07%
Antropônimos de étimo aramaico	6	0,92%

Antropônimos de étimo celta	1	0,15%
Antropônimos de étimo russo	1	0,15%
Antropônimos sem identificação	22	4%
TOTAL	649	100%

Fonte: adaptado de Cunha e Souza (2017).

Dos 22 prenomes cujo étimo foi analisado como “sem identificação”, 13 não parecem representar inovações intencionais, ou seja, são, ao que tudo indica, frutos de uma alteração gráfico-fônica de nomes tradicionais. Observemos os casos abaixo:

- *Colnel*: talvez variante de *Coronel*;
- *Damário*: provável variante de *Damásio*, talvez por influência de *Mário*;
- *Furtuoso*: provável variante de *Frutuoso*, talvez por influência do vocábulo “furto”;
- *Guardino*: provável variante de *Galdino*;
- *Ludugero*: provável variante de *Ludgero*;
- *Martiliano*: provável variante de *Martiniano*;
- *Miquilino*: provável variante de *Miquelino*;
- *Noberto*: provável variante de *Norberto*;
- *Timote*: provável variante de *Timóteo*;
- *Tintiliano*: provável variante de *Quintiliano*;
- *Tintino*: provável variante de *Quintino*;
- *Simião*: provável variante de *Simeão*;
- *Sinfônio*: provável variante de *Sinfrônio*.

Nesses prenomes, quase todas as alterações observadas na grafia são justificáveis por processos metaplastmáticos de alteração fônica, por exemplo, em *Tintiliano* e *Tintino* teríamos um processo assimilatório em que /k/ > /t/, mas não adentraremos nesse nível de análise.

Contudo, a parte mais relevante dos dados diz respeito aos oito prenomes em cujo processo de formação podemos encontrar construções biformativas. São esses: *Bibiano*, *Idalino*, *Berenito*, *Miguelino*, *Crecentino*, *Braziliano*, *Sisniano* e *Astêncio*. Desses, dois prenomes, inicialmente, se destacam por empregarem o formativo -o para fazer a transcategorização do gênero feminino para o masculino. Portanto, temos:

- *Bibiano*: <[[Bibian]_{F1} [o]_{F2}]_{NP} ⇔ [nome de pessoa masculino]_{NP}> (de *Bibiana*)
- *Idalino*: <[[Idalin]_{F1} [o]_{F2}]_{NP} ⇔ [nome de pessoa masculino]_{NP}> (de *Idalina*)

Em outro caso, a transcategorização do gênero feminino para o masculino é feita pelo formativo *-ito*:

- *Berenito*: <[[Beren]_{F1} [ito]_{F2}]_{NP} ⇔ [nome de pessoa masculino]_{NP}> (provavelmente de *Berenice*)

Quatro prenomes são gerados por processos biformativos considerando os afixos da margem direita *-ino* e *-ano*, a saber:

- *Miguelino*: <[[Miguel]_{F1} [ino]_{F2}]_{NP} ⇔ [nome de pessoa masculino]_{NP}> (de *Miguel*)
- *Crecentino*: <[[Crecent]_{F1} [ino]_{F2}]_{NP} ⇔ [nome de pessoa masculino]_{NP}> (do adjetivo *crescente*)
- *Braziliano*: <[[Brazil]_{F1} [iano]_{F2}]_{NP} ⇔ [nome de pessoa masculino]_{NP}> (do topônimo *Brazil*)
- *Sisniano*: <[[Sisni]_{F1} [ano]_{F2}]_{NP} ⇔ [nome de pessoa masculino]_{NP}> (a origem do primeiro formativo não foi identificada, talvez de *cisne*)

O autor traz um único caso que identifica como cruzamento vocabular, que considera um “[...] fenômeno bastante comum nos antropônimos neológicos criados contemporaneamente no Brasil como, por exemplo, *Adilana* (*Adilson* + *Ana*), *Luzemile* (*Luiza* + *Emílio*)” (CUNHA E SOUZA, 2017, p. 279, grifos do autor). Esse seria o caso de:

- *Astêncio*: <[[Ast]_{F1} [êncio]_{F2}]_{NP} ⇔ [nome de pessoa masculino]_{NP}> (da possível junção de *Astolfo* e *Juvêncio* ou *Gaudêncio*)

Por fim, cabe mencionar que, entre os dados de Cunha e Souza (2017), houve um nome para o qual não foi possível identificar o processo de criação. Trata-se de *Vinisimo*, nome que não se vê mais em uso no Brasil.

Em Rodrigues (2019), como dito, foram encontrados 46 prenomes inovadores criados por meio do uso de formativos que se vinculam parcial ou integralmente a uma origem germânica. A relação desses prenomes, de acordo com o período em que ocorreram, está descrita no Quadro 3.

Quadro 3 – Prenomes inovadores e o período de suas ocorrências, segundo Rodrigues (2019).

Prenomes inovadores	Período de ocorrência dos prenomes
<i>Durvalgisa, Eterelvina ~ Etirelvina, Hormina</i>	1897-1902
<i>Athalydio, Cardulina, Carlito, Ederval, Hildeth ~ Hyldeth, Loroastro, Lyderico, Raulinda, Reine, Vilobaldo</i>	1922-1936
<i>Adalicio, Clemilton, Crisaldete, Dilza, Eurivalda, Everaldina, Gelsa, Genebaldo, Gilton, Hildélia ~ Hyldélia, Hildete, Hildete, Hyldéa, Ironilde, Lindinalva, Marinaldo, Norete, Rahilda, Waldelir, Wiveraldo</i>	1937-1980
<i>Adailton, Ailton, Avanildes, Deuzimar, Edval ~ Edival, Ilma, Joilson, Nilzete, Railda, Valdiva, Valney, Waldete</i>	1980-2014

Fonte: adaptado de Rodrigues (2019).

A autora analisou tais prenomes de acordo com os formativos germânicos verificados em suas construções, chegando à reunião dos seguintes itens: *Adal-*, *Ald-* ~ *-ald/Nald-* ~ *-nald/Vald-* ~ *-vald*, *-astr*, *Bald-* ~ *-bald*, *Ed-* ~ *Ede-* ~ *Edi-*, *-elza* ~ *-ilza* ~ *-ilze*, *Gil-*, *Ild-* ~ *-ild*, *-lin*, *Lind-* ~ *-lind*, *Mar-* ~ *-mar*, *-ric*, *-son* e *-ton*, *Val-* ~ *-val*⁹.

Para tanto, em sua análise, Rodrigues (2019) considerou: a) a origem ou o étimo de cada formativo – segundo os dicionários etimológicos de Förstemann (1900), Nascentes (1952), Guérios (1981), Machado (2003) e os achados de Piel (1933), além de

⁹ O uso do elemento gráfico “~” nos formativos indica que o mesmo item aparece ocupando posições diferentes no composto inovador ou nos formativos em situação de alomorfa, como no caso de *Ed-* ~ *Ede-* ~ *Edi-*. Quando o “~” aparecer nos dados de Rodrigues (2019) em referência a dois prenomes inovadores, como no exemplo de *Eterelvina* ~ *Etirelvina*, significa que o mesmo prenome apareceu no *corpus* com as duas grafias em razão de a autora ter trabalhado com documentos manuscritos.

ter apresentado prenomes tradicionais encontrados nas obras supramencionadas que provavelmente serviram de modelo para os prenomes inovadores; b) comparações entre os prenomes inovadores e seus formativos e as conclusões advindas do trabalho de Rodrigues (2016), inclusive com relação à frequência de cada formativo em ambos os trabalhos; c) a frequência de uso dos prenomes no quadro onomástico brasileiro, segundo a página Nomes no Brasil, referente ao Censo 2010 do IBGE; d) a segmentação mórfica dos prenomes inovadores encontrados, a fim de identificar a herança bitemática/biformativa, conforme se acredita ter sido herdada dos povos germânicos; e) questões específicas a cada prenome, como casos de transcategorização de gênero, alterações gráfico-fônicas etc.; f) a apreensão de esquemas construcionais, considerando a posição ocupada (posição inicial/base mais à esquerda, posição final/base mais à direita ou posição absoluta) pelos formativos nos prenomes inovadores em comparação também com os prenomes tradicionais de mesmo formativo e que podem ter servido de modelo para o surgimento das construções inovadoras.

Além da investigação de cada formativo, Rodrigues (2019) empregou análises particulares para determinados prenomes, por acreditar que estes também se enquadravam em situações específicas. Tais situações foram: a) o uso dos formativos de diminutivo *-ito* e *-ete*, verificados nos prenomes *Carlito* e *Norete*; b) a construção do prenome *Durvalgisa* que, ao invés de se dar pela união de formativos, envolveu a utilização do prenome tradicional *Durval* em sua estrutura plena, conforme encontrado no léxico onomástico brasileiro; c) a similaridade do prenome inovador *Eterelvina* ~ *Etirelvina* com os prenomes tradicionais *Etelredo* e *Etelvina*, consideração apontada pela autora para realizar a segmentação mórfica [ETE(RE)L- + -VINA ~ ETI(RE)L- + -VINA], marcada pela inserção do *-re-* para o que poderia ter correspondido ao *ethel* germânico; d) a similaridade do prenome inovador *Hormina* com os prenomes tradicionais *Hermina* e *Hirmina*, caracterizando uma provável

alteração gráfico-fônica; e) a consideração do prenome *Ilma* como uma transcategorização de gênero do *helm* germânico. Rodrigues (2019) também observou que, apesar de *Ilma* não ter sido encontrado em nenhum dicionário onomástico e etimológico de língua portuguesa consultado, ele já é um prenome reconhecido no quadro onomástico do Brasil desde antes dos anos 1930, aparecendo no registro de mais de 30 mil indivíduos¹⁰, além de, como formativo *-ilma*, figurar na construção de prenomes inovadores, de modo que não haja um sentimento de neologia para ele, ainda mais em posição absoluta; f) a suposição de um caso de transcategorização do nome comum em alemão *reine*, que é uma flexão de *rein* e significa “limpo”, “puro”, “nobre”, para o prenome *Reine*.

Outrossim, Rodrigues (2016) apresentou proposta de análise dos dados parecida com a que foi verificada em Rodrigues (2019), também considerando formativos vinculados parcial ou integralmente a uma origem germânica, objetivando identificar a herança do modelo bitemático/biformativo nos prenomes inovadores que encontrou no seu *corpus*. Da mesma forma, a autora se valeu da consulta aos dicionários de Nascentes (1952) e Machado (2003), a fim de identificar não só os prenomes considerados inovadores, mas também os formativos envolvidos nessas construções, conforme o Quadro 4.

Quadro 4 – Prenomes inovadores e seus formativos, segundo Rodrigues (2016).

Formativo	Ocorrência no <i>corpus</i>
<i>-aldo ~ -naldo ~ -valdo</i>	<i>Ederaldo, Edinaldo, Elivaldo, Enaldo, Erisvaldo, Florisvaldo, Francinaldo, Lenivaldo, Rosinaldo, Serivaldo, Zenaldo</i>
<i>-berg</i>	<i>Ivanberg, Jhosemberg</i>
<i>Del-</i>	<i>Delci, Deleni, Delma, Delsilene, Delson</i>

¹⁰ De acordo com a página Nomes no Brasil, do Censo 2010 do IBGE.

<i>Ed- ~ Edi- ~ Ede-</i>	<i>Edclea, Edeilice, Edemario, Edenildo, Edenilton, Ederaldo, Ederoval, Ediana, Edie, Edijane, Edileide, Edilene, Edilla, Edinaldo, Edineia, Edirlainne, Edjane, Edmagno, Edmara, Edmildes, Edvania, Edwardes</i>
<i>-elma ~ -ilma</i>	<i>Delma, Elenilma, Gracielma, Odeilma</i>
<i>-elza ~ -ilza ~ -ilze</i>	<i>Dailze, Ilza (duas ocorrências), Gilza, Jailza, Joelza</i>
<i>Franci-</i>	<i>Franciane, Francielle, Francinaldo, Francineia, Francislai</i>
<i>Ger-</i>	<i>Gersinio, Gerval</i>
<i>Gil-</i>	<i>Gilcimar, Gilmar (cinco ocorrências), Gilmara, Gilneia, Gilsie, Gilsimar, Gilza</i>
<i>-ilda ~ -ildes ~ -ildo</i>	<i>Cazildete, Edenildo, Edmildes, Ivanilda, Ivanildes, Josenilda, Nildes, Renilda, Roquildes, Wanildo</i>
<i>-land</i>	<i>Cleslandir, Giorlando</i>
<i>Lind-</i>	<i>Lindomar</i>
<i>-mar</i>	<i>Damares, Edmara, Eliomar, Gilcimar, Gilmar (cinco ocorrências), Gilmara, Gilsimar, Josimara, Lindomar, Lucimar, Lucimara (duas ocorrências), Neomar, Neumar, Nilmara</i>
<i>-mir</i>	<i>Valmiro</i>
<i>Val- ~ -val</i>	<i>Ederoval, Gerval, Josival, Julival, Rudival, Sonival, Valdelia, Valdir (duas ocorrências), Valmiro, Valnei</i>
<i>Van- ~ -van</i>	<i>Denivan, Vandilson</i>

Fonte: adaptado de Rodrigues (2016).

O foco da análise dos dados de Rodrigues (2016) se centrou na identificação da herança bitemática/biformativa por meio da segmentação mórfica, que também foi capaz de apreender, segundo seus dados e considerando os prenomes tradicionais que possivelmente atuaram como modelo (apesar de a autora não chegar a propor esquemas construcionais), a posição ocupada por cada formativo, inclusive apresentando dados percentuais de produtividade. Rodrigues (2016) também chega a tratar de questões específicas como casos de transcategorização de gênero, alterações gráfico-fônicas, formativos diminutivos (como *-ete* e *-ita*) e processos morfológicos de

formação prenomes inovadores, a exemplo da acrossemia (que ocorre quando há mistura de sílabas ou fonemas de itens onomásticos). Em linhas gerais, podemos afirmar que a hipótese de Soledade (2018) quanto à existência de um padrão biformativo envolvendo a criação de prenomes inovadores no Brasil se confirma também nos dados analisados por Rodrigues (2016; 2019), referentes a formativos germânicos.

Passando aos dados de Simões Neto e Soledade (2018), verificamos que estes foram extraídos da lista de aprovados no vestibular da UNEB nos anos de 2016 e 2017. Os autores trabalharam com 96 nomes terminados em *-son*. O primeiro passo foi identificar aqueles que tinham origem no inglês, funcionando como patronímicos nessa língua. Admitidas as variantes gráficas, 16 nomes se enquadraram nessa situação¹¹: *Abson, Adson, Alisson, Anderson, Edson, Emerson, Erickson, Harrison, Hudson, Jackson, Jefferson, Madson, Neilson, Nelson, Nilson* e *Robson*. Se pensarmos o funcionamento original desses nomes no inglês, podemos assumir o seguinte esquema:

(a) <[[X]_{F1} [-son]_{F2}]_{NP} \square [sobrenome que marca descendência de X]_{NP}>

O esquema em (a) mostra uma parte variável, o *slot* X é preenchido com o nome do patriarca da família. Esse seria o primeiro formativo (F1). Adjunge-se a esse nome o sufixo patronímico *-son*, o segundo formativo (F2). Nessa operação, o significado previsto é de um “sobrenome que marca descendência de X”. Esse funcionamento não permaneceu quando esses nomes foram exportados para o Brasil. Conforme Simões Neto e Soledade (2018), os patronímicos do inglês foram interpretados como prenomes

¹¹ Os 16 nomes listados foram atestados na obra “A Dictionary of English Surnames”, de Reaney e Wilson (2006). Em alguns casos, há variações gráficas, como *Adeson* e *Madison*.

masculinos. Essa mudança na forma de os nomes serem usados e analisados demanda a organização de um novo esquema:

(b) <[[X]_{F1} [-son]_{F2}]_{NP} \leftrightarrow [nome de pessoa do sexo masculino]_{NP}>

Quando comparamos os esquemas em (a) e (b), percebemos que houve mudança tanto na caracterização do polo semântico-funcional quanto no polo formal. A mudança no polo semântico-funcional reflete a mudança na forma de uso, pois os nomes deixam de ser lidos como patronímicos e passam a ser lidos como prenomes masculinos. Decorre dessa mudança a alteração no polo formal: a orientação para que o *slot* X deva ser preenchido com o nome do pai não faz mais sentido. Assim, o *slot* X pode, agora, ser preenchido por uma grande quantidade de formativos em uso na antroponímia brasileira.



Exemplos disso são os prenomes que Simões Neto e Soledade (2018) chamaram de brasileirismos: *Ackson, Agenson, Alecson, Deivison, Frenisson, Erisson, Evisson, Gedson, Gilson, Gledson, Gleison, Gleydson, Ingrisson, Ivison, Jandesson, Jildson, Martson, Nadson, Naisson, Radson, Talison, Wadson, Walisson, Walesson, Wandesson, Webson* e *Welison*.

Traugott e Trousdale (2013), estudiosos da mudança na perspectiva construcional, preveem dois tipos de mudança: a mudança construcional e a construcionalização. A mudança construcional implica que apenas um dos polos mude, ao passo que a construcionalização implica a mudança nos dois polos. Quando comparamos os esquemas em (a) e (b), notamos mudanças nos dois polos, o que sugere que o esquema para nomes em *-son* no Brasil decorre de uma construcionalização.

Outra alteração referente aos nomes em *-son* no Brasil diz respeito ao aparecimento de *splinters* que, segundo Gonçalves (2016), são pedaços não morfêmicos de palavras que passam a atuar com significados recorrentes em posições mais ou menos fixas, assemelhando-se, em alguma medida, aos próprios morfemas. Simões

Neto e Soledade (2018) identificam dois *splinters* relacionados aos nomes em *-son* no Brasil: o *-elson/-ilson* e o *-erson/-irson*.

Nomes tradicionais, como *Nelson*, *Nilson*, *Emerson* e *Jefferson*, estão presentes na nossa língua há bastante tempo. Segundo o IBGE, há nascidos no Brasil com esse nome antes da década de 1930. Para Simões Neto e Soledade (2018), de nomes como esses surgiram os *splinters -elson/-ilson* e *-erson/-irson*. Alguns exemplos com esses formativos são: *Adelson*, *Adilson*, *Deilson*, *Dielson*, *Edielson*, *Elielson*, *Joelson*, *Joilson*, *Nailson*, *Natailson*, *Renilson*, *Ronielson*, *Ronilson*, *Cleverson*, *Deiverson*, *Demerson*, *Enderson*, *Esteferson*, *Jamerson*, *Wilkerson* e *Wivirson*. Os esquemas em (c) e (d) representam esses novos usos:

- (c) <[[X]_{F1} [-elson/ilson]_{F2}]_{NP}  [nome de pessoa do sexo masculino]_{NP}>
 (d) <[[X]_{F1} [-erson/-irson]_{F2}]_{NP}  [nome de pessoa do sexo masculino]_{NP}>

Há, entre os dados analisados por Simões Neto e Soledade (2018), nomes que os autores entendem que foram formados por outros processos. São os casos de: *Adinailson*, *Dioandson*, *Edjamilson*, *Gilmeikson*, *Joadisson* e *Joedson*. Sobre esses, comentam os autores:

[...] temos forte convicção acerca da hipótese de que os nomes criativos são gerados com base na combinação de dois temas, dois nomes ou dois formativos, sendo, portanto, preferencialmente, uma estrutura binária. [...] Nossa hipótese pode ser reforçada pelo argumento de que é possível encontrar nos dados do IBGE todos os segundos formativos como formas livre, ou seja, prenomes com registros no Brasil: *Nailson*, 8.063; *Andson*, 1.265; *Meikson*, 47; *Jamilson*, 5.261, *Adisson*, 562 e *Edson*, 431.543. Por sua vez, os formativos da margem esquerda também são elementos de grande recorrência na onomástica pessoal brasileira: *Adi-*, *Dio-*, *Ed-*, *Eli-*, *Gil-*, *Jo-*. Desse modo, fica evidente que não há falta de sistematicidade na formação de antropônimos neológicos, pelo contrário, parece haver um conjunto de esquemas bem estruturados que se organizam em torno de um padrão geral que é o uso de dois formativos que estejam disponíveis no sistema lexical antroponímico (SIMÕES NETO; SOLEDADE, 2018, p. 1328-1329, grifos dos autores).

Diante do exposto, os nomes *Adinailson*, *Dioandson*, *Edjamilson*, *Gilmeikson*, *Joadisson* e *Joedson* podem ser classificados como instanciações do já mencionado esquema genérico <[[X]_{F1} [Y]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP}>.

<[[Adi]_{F1} [Nailson]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo masculino]_{NP}>

<[[Dio]_{F1} [Andson]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo masculino]_{NP}>

<[[Ed]_{F1} [Jamilson]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo masculino]_{NP}>

<[[Gil]_{F1} [Meikson]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo masculino]_{NP}>

<[[Jo]_{F1} [Adisson]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo masculino]_{NP}>

<[[Jo]_{F1} [Edson]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo masculino]_{NP}>

Os esquemas biformativos parecem também dar conta dos nomes inovadores estudados por Conceição (2018), em trabalho dedicado aos galicismos antroponímicos e brasileirismos com formativos de origem francesa presentes na lista de aprovados do vestibular da UEFS, dos anos de 2017 e 2018. A autora não faz uso da abordagem construcional, mas agrupa quatro padrões inovadores produtivos: *X-ane*, *X-ele*, *X-ene* e *X-ine*. A nosso ver, os procedimentos morfológicos através dos quais esses padrões se tornam produtivos não são diferentes dos que foram vistos com os formativos germânicos ou especificamente ingleses, como no caso do *-son*: os brasileiros se deparam com nomes tradicionais que estão em uso na língua há bastante tempo e, a partir deles, por analogia, criam novas formas.

Com base na pesquisa de Conceição (2018), vemos que nomes femininos tradicionais, como *Aline*, *Ane*, *Caroline*, *Daniele*, *Eveline*, *Francine*, *Gisele*, *Isabele*, *Janine*, *Jaqueline*, *Jeane*, *Liliane*, *Luciane*, *Mariane* e *Viviane*, estão em uso no Brasil há mais de 90 anos. Desse conjunto de nomes, tomemos, primeiro, aqueles formados por *-ane*. Esse sufixo é o correspondente feminino francês do *-ano/-ana*, que tem origem latina (lat. *-anus*, *-a*, *-um*) e aparece tanto no léxico comum (*baiano*, *australiana*, *americano*, *italiana*) quanto no antroponímico (*Juliana*, *Mariano*, *Cristiana*, *Luciano*). Dada a semelhança formal, não foi difícil para o falante de português estabelecer uma relação da forma

francesa com a portuguesa. Assim, nomes em *-ane* passam a se comportar como variantes recorrentes e previsíveis de nomes em *-ana*, uma vez que temos *Liliana/Liliane*, *Luciana/Luciane*, *Mariana/Mariane* e *Viviana/Viviane*. Diante disso, não houve problema para o falante de português estabelecer o seguinte esquema:

<[[X]_{F1} [-ane]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo feminino]_{NP}>

Dada a origem latina da maioria dos prenomes tradicionais instanciados por esse esquema, o *slot X*, correspondente a F1, é inicialmente preenchido por nomes da mesma origem. Quando a inovação começa a entrar em cena, aceitam-se formativos de qualquer origem. Fixo é o F2, o formativo *-ane*. Exemplos inovadores encontrados por Conceição (2018) são: *Aldeane*, *Aleane*, *Camiliane*, *Ediane*, *Edilane*, *Eduane*, *Joceane*, *Joseane*, *Juliane*, *Leilane*, *Nadjane*, *Naiane*, *Raiane*, *Roseane*, *Tatiane*, *Tauane* e *Tailane*. Sejam vistos alguns desses nomes aplicados aos esquemas propostos:

<[[Camil(i)]_{F1} [-ane]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo feminino]_{NP}>

<[[Edi]_{F1} [-ane]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo feminino]_{NP}>

<[[Rai]_{F1} [-ane]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo feminino]_{NP}>

<[[Rose]_{F1} [-ane]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo feminino]_{NP}>

<[[Tail(a)]_{F1} [-ane]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo feminino]_{NP}>

O nome *Camiliane* tem no F1 o radical *Camil-*, de nomes como *Camilo/Camila*. O /i/ parece uma vogal de ligação, porém podemos considerar a alternativa de o F1 estar sendo preenchido com o nome *Camili* (variante de *Camile*). O caso de *Ediane* parece se caracterizar por um hibridismo, uma vez que o F1 *Edi-* é um formativo germânico muito usual na antroponímia inovadora brasileira. A mesma classificação vale para *Raiane*, que tem como F1 *Rai-*, também germânico, que aparece em *Raimundo*. Em *Roseane* e *Tailane*, consideramos que o sufixo *-ane* se adjunge aos prenomes em uso *Rose* e *Taila*.

Passemos, agora, aos prenomes em *-ene* e *-ine*. Nos dados de Conceição (2018), referentes aos nomes tradicionais, não vemos dados do sufixo *-ene*, somente de *-ine*. Assim como *-ane*, *-ene* e *-ine* são correspondentes femininos franceses de sufixos de origem latina, nesses casos, *-enus*, *-a*, *-um* (> *-eno/-ena*: *agareno*, *chileno*, *esloveno*, *nazareno*) e *-inus*, *-a*, *-um* (> *-ino/-ina*: *belo-horizontino*, *londrino*, *campesino*, *Celestino*, *Agostino*, *Setembrino*). Na visão de White (1858), os sufixos latinos *-anus*, *-a*, *-um*, *-enus*, *-a*, *-um* e *-inus*, *-a*, *-um* estão todos na mesma rede semântica e etimológica e, ao que tudo indica, com a mesma facilidade com que se depreendeu o padrão *X-ane*, depreenderam-se os padrões *X-ene* e *X-ine*, representados a seguir:

<[[X]_{F1} [-ene]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo feminino]_{NP}>
 <[[X]_{F1} [-ine]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo feminino]_{NP}>

Do padrão *X-ene* são vistos, entre os dados de Conceição (2018): *Chaiene*, *Ediene*, *Eliene*, *Francilene* e *Lucilene*. De *X-ine*, aparecem: *Adrine*, *Djauline*, *Juline* e *Noeline*. Sobre esses nomes inovadores terminados em *-ene* e *-ine*, é notável a recorrência de uma consoante /l/ antecedendo esses sufixos. Quanto à presença desse fonema, podemos aventar duas propostas: ser uma consoante de ligação ou ser integrante de um *splinter -lenel/-line*, depreendido de nomes como *Madalene*, *Jaqueline*, *Aline* e *Helene*.

Vejamos alguns nomes inovadores em *X-ene* e *X-ine* aplicados aos esquemas propostos.

<[[Edi]_{F1} [-ene]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo feminino]_{NP}>
 <[[Eli]_{F1} [-ene]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo feminino]_{NP}>
 <[[Lucil(a)]_{F1} [-ene]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo feminino]_{NP}>
 <[[Adr(i)]_{F1} [-ine]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo feminino]_{NP}>
 <[[Noel]_{F1} [-ine]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo feminino]_{NP}>
 <[[Djaul-]_{F1} [-ine]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo feminino]_{NP}>

Em *Ediene*, vemos novamente o formativo germânico *Edi-* ocupando a posição do F1. *Eliene*, por sua vez, usa *Eli-* como primeiro formativo. *Eli-* aparece em prenomes inovadores, como *Elivaldo*, *Elivan* e *Elimar*. Quanto a *Lucilene*, cabem duas análises: a) o *slot* do F1 ser preenchido pelo radical de um nome como *Lucila* e o F2 ser o *-ene*; b) ou o *slot* do F1 ser preenchido pelo radical de nomes como *Lucio* e *Luciana* e o F2 ser um *splinter -lene*. Pesquisas mais apuradas poderão responder qual a análise mais adequada.

Sobre os nomes em *-ine*, podemos observar que *Adrine* utiliza o radical de nomes tradicionais, como *Adriano* e *Adriana*. O radical *Adr(i)-*, então, ocupa o *slot* do F1, e o *-ine* ocupa o F2. Em *Noeline*, a posição do F1 parece ser ocupada pelo prenome usual *Noel*. Essa é uma análise transparente, diferente da que se coloca para *Djauline*, nome para o qual podemos propor duas hipóteses: a) o F1 ser preenchido por um *splinter Djaul-* (extraído de uma variante *Djaulma*) e o F2 ser preenchido por *-ine*; b) ou o F1 ser preenchido pelo *splinter Djau-* (extraído de uma variante *Djauma*) e o F2 ser preenchido por *-line*, *splinter* de nomes como *Aline* e *Jaqueline*. A partir dessa segunda hipótese, poderíamos supor que o nome seja um cruzamento vocabular.

O último padrão a ser comentado do trabalho de Conceição (2018) é o *X-ele*. Podemos traçar para os nomes em *-ele* duas propostas de origem, comentadas por Soledade (2012). A primeira é a de que o sufixo *-ele* seja uma correspondência francesa feminina do sufixo latino *-ella*, que engendrou *-ela* em português, formando diminutivos, como *viela*, *olhadela*, *cidadela*, *piscadela* etc. O nome *Graziela*, de origem italiana, é formado, nessa língua, pelo radical *Grazi-* (de *grazia* 'graça') e o sufixo *-ella* (diminutivo). A forma *Graziele*, muito usual no Brasil, é uma variante francesa que está etimologicamente ligada a esse significado diminutivo.

A segunda possibilidade parte da observação de que os nomes tradicionais franceses femininos em *-ele* são, muitas vezes, originados de nomes hebraicos, como nos casos de *Daniele*, *Gabriele* e *Isabele* que, depois, foram assim transmitidos ao

português pela língua francesa. Qual seja a origem do formativo que se tornou usual no Brasil, notamos uma convergência para um esquema como o seguinte:

$$\langle [[X]_{F1} [-ele]_{F2}]_{NP} \boxed{\leftrightarrow} [\text{nome de pessoa do sexo feminino}]_{NP} \rangle$$

Nomes instanciados por esse esquema seriam *Adrielle, Franciele, Janiele, Juciele, Mariele, Micaele, Natiele, Tatiele* e *Valniele*, todos presentes no trabalho de Conceição (2018). Podemos, ainda, propor uma aplicação do esquema com alguns desses nomes.

$$\begin{aligned} &\langle [[Adri]_{F1} [-ele]_{F2}]_{NP} \boxed{\leftrightarrow} [\text{nome de pessoa do sexo feminino}]_{NP} \rangle \\ &\langle [[Franci]_{F1} [-ele]_{F2}]_{NP} \boxed{\leftrightarrow} [\text{nome de pessoa do sexo feminino}]_{NP} \rangle \\ &\langle [[Mari]_{F1} [-ele]_{F2}]_{NP} \boxed{\leftrightarrow} [\text{nome de pessoa do sexo feminino}]_{NP} \rangle \\ &\langle [[Tati]_{F1} [-ele]_{F2}]_{NP} \boxed{\leftrightarrow} [\text{nome de pessoa do sexo feminino}]_{NP} \rangle \end{aligned}$$

Em *Adrielle*, vemos no F1 o mesmo radical *Adri-*, que vimos em *Adrine*, agora aplicado a outro esquema. *Franciele* usa como F1 o radical *Franci-*, de origem germânica, sendo, portanto, um hibridismo. O nome *Mariele* parece usar como F1 o radical de *Maria*. Por fim, em *Tatiele*, notamos, no F1, a presença de um radical *Tati-*, usado nos nomes *Tatiana* e *Tatiane*.

De maneira geral, observamos que a hipótese de Soledade (2018) de que os prenomes inovadores no Brasil sejam caracterizados por um padrão biformativo se aplica aos dados de Conceição (2018), referentes a formativos de origem francesa. Isso mostra que o padrão biformativo, de origem germânica, se estende para formativos de outras origens.

6 Considerações finais

Ainda que parcialmente representativos da realidade brasileira como um todo, esses dados ora apresentados podem ser um ponto de partida para algumas reflexões e indagações. Como dissemos, a antroponímia brasileira, desde as primeiras décadas

do século XX, vem se enriquecendo com inúmeras contribuições, fruto da criatividade lexical produzidas no vernáculo. E os dados aqui analisados ratificam a hipótese que, no século XIX, a antroponímia brasileira era, essencialmente, conservadora.

De uma parte, os dados apontam que são poucas e raras as contribuições inovadoras no século XIX. De outra parte, as inovações, nesse período, parecem estar atreladas a três processos fundamentais: a) alterações gráfico-fônicas; b) transposições do léxico comum ao próprio; e c) acréscimo de formativos antroponímicos em posição final ou na margem à direita.

Referências

ALMEIDA, A. A. D.; LOBO, T.; SOLEDADE, J. *Projeto Todos os Nomes: análise sócio-histórica, mórfico-semântica e etimológica da antroponímia baiana*. Salvador: UFBA, 2003.

ALVES DE SOUZA, J. M. **Nomes sociais de pessoas transgêneros e nomes artísticos de drag queens do estado de Rondônia: questões de identidade linguística e de gênero**. 204f. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2019.

ARTHUR, W. **An Etymological Dictionary of Family and Christian Names With an Essay on their Derivation and Import**. New York: Sheldon. Blakeman, 1857.

BENFICA DA SILVA, V. **O cruzamento vocabular formado por antropônimos: análise morfológica e fonológica**. 184f. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas/Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

BOOIJ, G. **Construction Morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010. DOI <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199695720.013.0010>

CASTRO, I. A atribuição do nome próprio no espaço luso-brasileiro: dados paulistas. *In: BOULLÓN AGRELO, A. I.; KREMER, D. Novi te ex nomine: estudos filológicos*

oferecidos ao Prof. Dr. Dieter Kremer. [A Coruña]: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2004. p. 245-256.

CASTRO, I. Mais sobre antroponímia luso-brasileira: dados cariocas. *In*: MARQUES, M. A.; KOLLER, E. (ed.). **Ciências da Linguagem**: 30 anos de investigação e ensino. Braga: Universidade do Minho, 2005. p. 45-52.

CONCEIÇÃO, D. da S. **Galicismos antroponímicos e neologismos com formativos de origem francesa**: olhares para o léxico de Salvador e de Feira de Santana-BA. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras: Português/Francês) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

CUNHA e SOUZA, H. F. **Arlindos e negros**: o nome próprio em uma irmandade de cor na Bahia dos séculos XIX e XX. 2017. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

FÖRSTEMANN, E. **Altdeutsches Namenbuch**. Bonn: Hanstein, 1900.

GONÇALVES, C. A. **Morfologia construcional**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523218591.0003>

GUÉRIOS, R. F. M. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. 3. ed. São Paulo: Ave Maria Ltda, 1981.

LOPES, M. dos S.; SOLEDADE, J. Antroponímia, história e cultura: os nomes próprios personativos em documentos paroquiais baianos do século XIX. *In*: SANTOS, E. S. dos; ALMEIDA, A. A. D.; SIMÕES NETO, N. A. (org.). **Olhares sobre o léxico**: perspectivas de estudo. Salvador: EdUNEB, 2018. p. 141-168.

LOPES, M. dos S.; RODRIGUES, L. S.; SOLEDADE, J. O legado germânico na antroponímia neológica do português do Brasil. *In*: **Estudos Linguísticos e Filológicos Oferecidos a Ivo Castro**. 1 ed. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2019, v. 1, p. 1417-1446. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/jspui/handle/10451/39619>. Acesso em: 20 jul. 2020.

MACHADO, J. P. **Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Horizonte: Confluência, 2003. v. 2.

MARTINS, F. **O nome próprio**: da gênese do eu ao reconhecimento do outro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1984.

MOLINARI, E. L. O mundo romano e as invasões germânicas. **Principia**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 16-25, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/view/8153/5934>. Acesso em: 22 jun. 2020.

MONTEIRO, J. L. **Morfologia portuguesa**. Campinas: Pontes, 2002.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.

PALMA, R. da; TRUZZI, O. M. S. Renomear para recomeçar: lógicas onomásticas no pós-abolição. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 18., 2012, Águas de Lindóia. **Anais [...]**. Águas de Lindóia: ABEP, 2012.

PIEL, J. M. Os nomes germânicos na toponímia portuguesa. **Boletim de Filologia**. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1933.

PIEL, J.-M. A antroponímia germânica na Península Ibérica. *In*: **Estudos de lingüística histórica galego-portuguesa**. Lisboa: IN-CM, 1989 [1960]. p. 129-147.

POSSIDÔNIO, P. M. de O. A criação de nomes próprios no português brasileiro: aspectos mórficos da neologia antroponímica. *In*: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA, 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2007. p. 1-11.

REANEY, P. H.; WILSON, R. M. **A Dictionary of English Surnames**. 3. ed. London; New York: Routledge, 2006. DOI <https://doi.org/10.4324/9780203993552>

RODRIGUES, L. S. **Neologia antroponímica**: o que os nomes de origem germânica têm a nos dizer? 2019. 2 tomos. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

RODRIGUES, L. S. **Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RODRIGUES, L. S.; SOLEDADE, J. Germanismos e a contribuição para a antroponímia brasileira. **Revista Hyperion**, Salvador, n. 8, p. 75-90, 2016. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistahyperion/article/view/17018/11379>. Acesso em: 22 jun. 2020.

SIMÕES NETO, N. A.; RODRIGUES, L. S. A neologia e os processos genolexicais em antropônimos brasileiros: um breve mapeamento de estudos realizados. **Mandinga: revista de estudos linguísticos**, [s.l.], v. 1, n. 2, p. 110-127, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.unilab.edu.br/index.php/mandinga/article/view/33>. Acesso em: 28 jul. 2020.

SIMÕES NETO, N. A.; SOLEDADE, J. Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 1295-1350, 2018. Disponível em: http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12678/pdf_1. Acesso em: 18 fev. 2019. DOI <https://doi.org/10.17851/2237-2083.26.3.1295-1350>

SOLEDADE, J. A antroponímia no português arcaico: aportes sobre a sufixação em nomes próprios personativos. In: LOBO, T. *et al.* (org). **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 323-336.

SOLEDADE, J. A hipótese da prevalência de construções biformativas em processos concatenativos e não concatenativos na formação de antropônimos neológicos no Brasil. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 61, p. 30-48, 2018. DOI <https://doi.org/10.9771/ell.v0i61.27588>

SOLEDADE, J. Origens e estruturação histórica do léxico antroponímico do português brasileiro. **Macabéa – Revista Eletrônica do NETLLI, Crato**, v. 8, n. 2, p. 411-452, 2019. DOI <https://doi.org/10.47295/mren.v8i2.1954>

SOLEDADE, J.; SIMÕES NETO, N. A. Uma abordagem construcional da antroponímia brasileira em perspectiva histórica. *In*: BATISTA DE SOUZA, R.; BORGES, R.; ALMEIDA, I. S. de; SOUZA, D. de. (org.). **Filologia em diálogo: descentramentos culturais e epistemológicos** (Anais do IX Seminário de Estudos Filológicos). Salvador: Memória e Arte, 2020. p. 386-402.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Ferreira da Cunha. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Change**. Oxford University Press: Oxford, 2013. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199679898.001.0001>

WHITE, J. T. **Latin Suffixes**. London: Longmans, Green & Co, 1858.

Artigo recebido em: 30.08.2020

Artigo aprovado em: 29.12.2020